



REPRESENTAÇÕES DA VIOLÊNCIA PATRIARCAL NO CONTO “OCASO DE RUTH”, DE JÚLIA LOPES DE ALMEIDA

Ingrid Vanessa Souza Santos - Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade (PPGLI), na Universidade Estadual da Paraíba - UEPB.

Raquel Araújo Luna - Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade (PPGLI), na Universidade Estadual da Paraíba - UEPB.

Contatos: ingrid_vanessa12@hotmail.com; lunarachel77@hotmail.com

Justificativa

- Quando escrita por homens, a personagem feminina na literatura gótica tende a aderir determinados esterótipos como os arquétipos do “anjo do lar” e “sedura fatal”. Em contrapartida, as narrativas escritas por mulheres tendem a subverter tropos sexistas e simplistas, refletindo sobre seus medos e desejos numa sociedade patriarcal.
- Encaixando-se em tal grupo de narrativas contestadoras, o conto “O Caso de Ruth”, presente da coletânea *Ânsia Eterna* (1903) escrita por Júlia Lopes de Almeida, é um notório exemplo de gótico que critica as violências de gênero.
- Deste modo, viu-se a necessidade de explorar as relações de gênero dentro do gótico feminino, tomando como *corpus* a obra supracitada.

Objetivos

- Estabelecer uma análise crítica da obra, levando em consideração as violências de gênero sofridas pela protagonista do conto “O caso de Ruth”;
- Colocar em evidência os elementos característicos do gótico feminino;
- Investigar como Júlia Lopes de Almeida insere os elementos supracitados em sua narrativa.

Referencial teórico

- Para versar sobre escrita feminina, optou-se pelos pressupostos teóricos de Ellen Moers (1976);
- Para introduzir o gótico, utilizou-se os conceitos fundamentais de Fred Botting (1995);
- Para focar no viés feminino dentro do gótico, contou-se com as noções teóricas de Diana Wallace e Andrew Smith (2009);
- Para tratar sobre o insólito nacional, tomou-se como base o texto de Bruno Anselmi Matangrano e Enéias Tavares (2019).

A visão da personagem feminina no gótico

- A princípio, a personagem Ruth ao ser descrita para seu futuro noivo, encaixa-se no arquétipo do “anjo do lar”:
- “Há de ser uma excelente esposa: é bondosa, regularmente instruída, nada temos poupado com a sua educação; e se não aparece e não brilha muito na sociedade é pelo seu excesso de pudor. Eu às vezes cismo que esta minha neta é pura demais para viver na terra” (Almeida, 2019, p. 27).
- De acordo com Botting (1995, p. 4) diversas narrativas góticas abordam valores tradicionais, dando destaque para núcleos familiares, domesticidade e virtuosidade (neste caso, a feminina). A heróina virginal e doméstica é o padrão do gótico masculino, que posteriormente é criticado em sua versão feminina.

A violência de gênero

- No gótico, seja o masculino ou o feminino, a mulher ainda é o principal alvo de violência.
- A diferença entre aproximações destas violências pode ser observada na forma como o gótico feminino retrata suas personagens:
- O gótico feminino é abertamente político, “[...] que articula as insatisfações das mulheres com as estruturas patriarcais e oferece uma expressão codificada dos seus medos de serem aprisionadas no corpo feminino e doméstico” (Wallace; Smith, 2009, p. 2, tradução nossa).
- A imposição a uma vida doméstica é uma das demais violências denunciadas no gótico feminino.
- No gótico feminino, a violência de gênero é um elemento principal (Moers, 1976).

A violência de gênero

- Em “O Caso de Ruth”, a protagonista homônima não somente é forçada a este modelo de domesticidade, como é alvo de diferentes violências realizadas por figuras masculinas.
- Em momento de culpa, Ruth confessa ao noivo o abuso sofrido por um membro familiar:
- “– Eu não sou pura! Amo-o muito para o enganar. Eu não sou pura! [...] Foi há oito anos, aqui, nesta mesma sala... Meu padrasto era um homem bonito, forte; eu uma criança inocente... Dominava-me; a sua vontade era logo a minha. Ninguém sabe! oh! não fale! não fale, pelo amor de Deus! Escute, escute só; é segredo para toda a gente... [...] É isto a minha vida. Cedi sem amor, pela violência; mas cedi. Dou-lhe a liberdade de restituir a sua palavra à minha família” (Almeida, 2019, p. 30-31).
- Almeida, assim como demais escritoras do gótico do século XX, também baseou-se no conceito já em pauta em narrativas europeias e estadunidenses a respeito da subversão da imagem família tradicional (Matangrano; Tavares, 2019, p. 87)

A violência de gênero

- No final do conto, tentando lidar com o trauma e a culpa advindos de uma violência sexual, Ruth falece. Contudo, tanto em vida quanto em morte, a personagem não possui agência de seu próprio corpo.
- A família a faz ser enterrada junto com seu abusador, o que causa um acesso de ciúmes no noivo:
- “– Vai ficar com o padrasto...
- Com o padrasto, noites e dias... fechados... unidos... sós! Fora para isso que ela se matara, para ir ter com o outro! aquele outro de quem via o esqueleto torcendo-se na cova, de braços estendidos para a reconquista da sua amante!” (Almeida, 2019, p. 34).
-

Considerações finais

- É possível considerar que, inicialmente, o conto introduz a protagonista fazendo-a parecer como uma personagem que segue o perfil do anjo do lar. Contudo, a autora posteriormente subverte este tropo ao explorar as suas angústias causada pela opressão patriarcal, expondo a violência sexual e a culpabilização da vítima como algo recorrente na vivência feminina.

Referências

- Almeida, Júlia Lopes. "O caso de Ruth". In: Almeida, Júlia Lopes. **Ânsia Eterna**. Rio de Janeiro: Vermelho Marinho, 2019.
- Botting, Fred. **Gothic**. Nova Iorque: Routledge, 1995.
- Matangrano, Bruno Anselmi; Enéias Tavares. **Fantástico Brasileiro - O Insólito literário do romantismo ao fantasismo**. Curitiba: Arte e Letra, 2019.
- Moers, Ellen. **Literary Women**. Nova Iorque: Doubleday & Company, 1976.
- Wallace, Diana; Smith, Andrew. **The Female Gothic - New Directions**. Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 2009.